

## Francisco I

Ele já tinha andado uma parte do caminho, como orgulho da família e como filho do comerciante. Também já tinha levado topada com seus planos soberbos, tales como carreira de cavaleiro e guerreiro. A prisão de guerra em Perúgia (1202 / 1203) fez com que o jovem ficasse pensativo. Mas os ideais cavaleirescos permaneceram. A sua fé era do jeito que a fé se vivia naquele tempo: era possível ser cristão sem Cristo. E na atmosfera eclesiástica que ele respirava, a piedade se dava bem com a vaidade. Apesar disto, algo estava errado. Ele ainda levantava a cabeça, mas às vezes não estava bem.

Mais e mais procurava a solidão na floresta do Subásio. E outras vezes se via atraído pelo povo da periferia, pelos pobres. Uma oração na igreja de São Damião, em estado de ruína, mostra sua luta entre céu e terra, entre Deus e as seduções do mundo, entre a nobreza endinheirada das cidades e as massas empobrecidas que ficavam do lado de fora, entre a solidão dos Cárceri e a vida divertida na praça.

Em São Damião, São Francisco pediu uma fé que persiste, uma esperança que suporta e um amor que não exclui nada e ninguém. Ele queria reconhecer quem é Deus, queria senti-lo, e ainda mais, desejava saber como seria sua vida agora em diante.

A resposta veio bem viva, na pessoa de um leproso que cruzou o seu caminho. Superando a contradição ente nojo e afeto, ele o abraçou e beijou, e um novo futuro vinha se abrindo para Francisco.

Até agora, uma sequencia de cenas variadas tinha se apresentado: São Damião, a história com o seu pai, o tribunal diante do bispo, a retirada da cidade, da qual nunca se afastou de uma vez, a vida de eremita e penitente: tudo isto era uma tragédia para a família e para a cidade, uma comédia, porém para ele eram os passos necessários para esclarecer o que buscava.

Foi então que Francisco descobriu a vida dos discípulos. No dia 24 de fevereiro de 1208, festa de São Matias, ouviu o evangelho. É isto que eu procuro, é isto que eu quero: andar pelo mundo em nome de Cristo, anunciar o Reino, expulsar demônios, sem carregar nada.

Estar a caminho com a leveza do ser, sem violência e cheio de paz. Ele queria ser o irmão de todos, de modo especial dos simples, dos pobres e doentes. Este seria agora o contexto de sua vida.

Não demorou, e chegaram alguns companheiros que queriam compartilhar a mesma vida. Eram homens cultos que ainda estavam em busca do sentido de sua vida. Três vezes abriram a escritura, deixando a revelação ao acaso: Se quiseres ser perfeito, venda tudo o que tens! (Mat 19,21) Não leveis nada em vosso caminho! (Luc 9,3) Não persigais os vossos desejos, mas segui a mim! (Mat 16, 24) A mensagem era mais do que clara.

Não precisava mais do que isto naquele tempo, e hoje também não precisa mais do que isto: viver conforme estas palavras simples, viver em comunhão fraterna, sendo irmãos e irmãs de todas as pessoas.

Este modo de viver não era invenção de Francisco. Antes dele já houve outros que tentaram viver uma alternativa da nova e velha riqueza; uma alternativa do comportamento feudal e narcisista da Igreja. Outros já tinham buscado uma alternativa de viver a fé, uma fé sem igreja, um mundo diferente daquele que buscava a paz pelas armas. Em todo lugar ao seu redor havia grupos em busca.

Também hoje existem estes grupos, se bem que eles têm outros nomes. Movimentos de dentro da igreja com clara visão das causas dos muitos males e escândalos, mas sem paciência e fôlego para esperar. Eles tinham experimentado que instituições têm vida mais longa.

Francisco fez uma tentativa diferente: Nada o empatou de seguir o seu caminho. Com toda amabilidade, com seu jeito convincente e teimoso - como "igreja que vem debaixo" diríamos hoje - o penitente de Assis encontrou-se com o papa mais poderoso da idade média que já não se contentava com o título "Sucessor de Pedro", fazendo-se chamar "Vigário de Cristo na Terra".

Na igreja que só conseguia pensar e agir de cima para baixo, ele tentou o caminho de baixo.

Hadrian W. Koch OFM

## Perspectivas franciscanas

Anton Rotzetter OFMCap



### Desacordo com a vigente teoria e prática econômica.

#### A favor de uma economia que serve à vida.

*A vida econômica deve respeitar e favorecer a dignidade da pessoa humana e a sua vocação integral, como também o bem-estar da sociedade num todo, já que a pessoa humana é autora, centro e meta de toda atividade econômica.*

*Não são poucos – mormente nos países economicamente desenvolvidos – que são verdadeiros escravos do sistema econômico, a tal ponto que quase toda sua vida pessoal e social é determinada por uma lógica estritamente econômica. A mesma coisa acontece tanto em países com uma economia coletivista como em outras. Exatamente num tempo em que o crescimento da economia, dirigida e coordenada de um modo racional e humano, poderia amenizar as desigualdades sociais, acontece justamente um agravamento, aqui e acolá até uma mudança para pior para os necessitados e um desprezo para os despossuídos. Enquanto para uma grande multidão ainda falta o absolutamente necessário, alguns vivem – também nos países atrasados – na opulência e no desperdício. Luxo e miséria vivem na mesma rua. Enquanto poucos gozam do máximo poder de deliberação, muitos carecem de quase toda possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade de ação, encontrando-se muitas vezes a pessoa humana em condições indignas de vida e de trabalho.*

Gaudium et Spes 63

No seu livro “Quanto é necessário? Da mania do crescimento a uma economia do bom viver”, os ecônomos anglicanos Roberto e Eduardo Skidelsky depositam grande esperança na igreja católica e sua competência espiritual em questão de economia. Afirmam que ela se baseia na virtude aristotélica da moderação. De fato, os posicionamentos referentes à economia emitidos no Concílio e as subsequentes considerações do Vaticano têm uma sublime importância profética.

O Concílio coloca a pessoa humana e sua dignidade no centro da atividade econômica. A meta é o bem-estar de todos. Aristóteles, a quem a posição eclesial se refere, distinguia duas formas de atividade econômica: uma sendo boa e outra maléfica. A economia boa submete toda lógica econômica ao critério do crescimento da vida. A maléfica visa somente o acúmulo de dinheiro e bens. Há algumas décadas a lógica do dinheiro determina a economia. As terríveis consequências já são lamentadas pelo Segundo Concílio Vaticano. A crise de finanças, dos bancos e das dívidas é o resultado de tudo isto.

Também São Francisco poderia ser visto como alternativa de valores em meio a economia mal orientada.

1. A vida conveniente e boa não tem nada a ver com acúmulo de dinheiro e posse. A vida tem o seu sentido em si mesmo. Dinheiro e posses podem até impedir a verdadeira vida, comprometer a liberdade e matar a alma. Por isso mesmo, Francisco não somente dispensou o acúmulo, mas, de modo mais radical, até a vontade de ter e possuir. No lugar da cobiça e da ambição ele colocou a pobreza e a liberdade. É claro que um empresário

não sobrevive com isto, mas o espírito que está atrás disto não deve faltar a ele. Walter Dirks, nas suas considerações sociais e econômicas sobre a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, aponta para Francisco: Ele pode nos mostrar quem é verdadeiramente rico.

2. Francisco fugia do dinheiro como o diabo foge da água benta. Realmente, o dinheiro era para ele uma espécie de sacramento do mal. Ele enxergava as consequências drásticas que dele provinham: mendigos e pobres em todo canto. Por isto, a pergunta central que movia a ele e a muitos outros naquele tempo era esta: Como se pode ser cristão nas condições de uma sociedade centrada no dinheiro? Ele ainda podia optar entre dinheiro e troca de bens. Nos já não podemos fazer isto. Assim mesmo devemos perguntar o que mesmo é o dinheiro. Num sentido material é um nada, tendo somente o valor que damos a ele pessoalmente e socialmente. Já não podemos demonizar o assunto. Mas queremos tanto mais nos opor ao endeusamento do dinheiro. E talvez ainda hoje ha meios de troca de serviços, formas cooperativas organizadas de troca que dispensam o dinheiro. Aliás, já existe a “economia de talentos”, um comercio sem dinheiro que cobra juros negativos para o caso em que alguém acumula eventuais rendimentos. A bolsa de valores e a especulação deveriam ser um pano vermelho para nós.
3. Para Francisco o salário justo era coisa evidente. Assim mesmo ele separou salário e trabalho. O trabalho tem o seu sentido em si mesmo. Ele não ganha o seu valor a partir do salário. Também é lógico para ele que o trabalhador faz um serviço bem feito. Pagar algo mais por um trabalho de qualidade seria coisa absurda para ele. Que certas pessoas ganhem um “valor de mercado” por um serviço bem feito seria para Francisco um rebaixamento da pessoa, tanto daquele que ganha este valor a mais, como daquele que simplesmente faz o seu trabalho.
4. Naturalmente teria outros aspectos a mencionar, p. ex. as questões de como se relacionam trabalho e consumo. Mas isto fica para outra vez.

---

*A pobreza de espírito, que é humildade verdadeira, para Clara era pobreza em todos os aspectos. É por isto que ela, no começo de sua conversão, mandou vender a sua herança paterna que lhe cabia. Do valor da venda ela não reteve nada para si; tudo doou aos pobres. Depois de ter deixado o mundo lá fora e ter enriquecido no seu coração, correu, sem peso e sem dinheiro, atrás do Cristo. Finalmente selou uma aliança tão íntima com a santa Pobreza e a amou de tal maneira que nada queria a não ser o Cristo Jesus, nem permitia às suas filhas possuir algo. Pensava ela que a gente não pode de maneira nenhuma possuir a mais preciosa pérola - que ela tinha adquirido com a venda de seus bens - junto com a roedora preocupação pelos bens temporais. (Vida de Santa Clara)*

## África

### Quênia

#### Nairobi – Centro Porciúncula

*Em Quênia foi convocada pela Conferência Nacional dos Bispos (Kenya Conference of Catholic Bishops/KCCB) e pela rede Mãe Terra uma campanha nacional e internacional de plantação de árvores.*



Esta campanha foi iniciada no dia 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, por ocasião da visita do Papa Francisco em Assis. O guardião da rede Mãe Terra e coordenador do CCFMC da África de língua inglesa, Frei Hermann Borg, convocou todas as religiosas e todos os religiosos pelo mundo afora para apoiar este projeto com toda força, porque seria um serviço à humanidade e um novo impulso para uma convivência fraterna. O KCCB e a rede pedem organizadores e simpatizantes do projeto que apoiem com generosas doações a plantação em cada vila, em cada região e país.

Enquanto isto, a comissão de Pastoral e Apostolado Leigo do KCCB, iniciou em Nairobi um programa ecológico para a região da Sub-Saara de longo alcance com apoio de grupos cristãos, muçulmanos e hindus. Foi resolvido declarar o dia 4 de outubro Dia Nacional da Ecologia. Neste dia, cada cristão ou membro de outro grupo religioso é convidado a plantar ao menos uma árvore.

O padre Charles Odira Kwanya, da comissão de Pastoral e Apostolado Leigo fez o apelo que todos os padres, religiosos e leigos engajados na cura de almas e na evangelização se fizessem protetores na defesa ambiental. Este pedido saiu numa conferência de ambientalista e especialistas que iriam treinar num seminário de dois dias os colaboradores da campanha de plantação de árvores marcada para o dia 4 de outubro.

Uma apostila com o tema ambiente e espiritualidade que foi apresentada numa conferência ecológica do KCCB descreve a situação ambiental em Quênia e escreve literalmente que o país é um “chiqueiro” na questão do meio ambiente. Disto resultam muitos desafios e imensas tarefas para quebrar o ciclo de fatores ambientais em decadência, resultando em maior pobreza. A derrubada inescrupulosa das florestas destrói as condições vitais de muitas pessoas.



Além das atividades em vista da campanha de plantação das árvores no dia 4 de outubro planejam-se passos para que a proteção ambiental seja ancorada no dia-a-dia do povo. Foi sugerido que em todas as instituições de igreja, seja dioceses ou paróquias, ou em outros grupos

religiosos fossem formados comitês de meio ambiente que organizassem planos, programas e ações concretas de proteção ambiental. Um grande leque de possíveis iniciativas se apresenta que vão de cata de lixo até a campanha de plantar árvores. Supõe-se que a vida em harmonia com a natureza resultará em fortificação da fé.



## Mother Earth Network

<http://m-e-net.org/>

### Ásia

#### Filipinas

##### Seminário do CCFM com grande participação da Jufra.

*A equipe nacional do CCFM das Filipinas partiu no dia 22 de agosto de 2013 para a ilha de Siquijor apesar das chuvas fortes e da tempestade, para coordenar um seminário. A irmã Jeanne Luyun relata como foi e o que foi tratado.*

O seminário foi organizado pela coordenadora nacional do CCFM Maria Renita Fabric, sendo apoiada pela animadora Belinda Inao. O encontro aproveitou um plano de ação que foi elaborado no encontro do CCFM de Kota Kinabalu na Malaysia em 2012. O tema era: A nova visão do carisma franciscano-missionário neste ano da fé! Este programa queria atingir de modo especial a Família Franciscana que estuda o chamado da Igreja para a nova evangelização.



Este grupo composto de 20 membros da Família Franciscana, 16 Jufristas e 8 Clarissas, mostrou uma composição única. Os conferencistas optaram por métodos interativos para garantir o interesse e a atenção dos presentes. Os jufristas demonstraram muita vivacidade, dando esperança de um futuro promissor para a Família Franciscana. São conscientes da realidade atual e se engajam principalmente na ecologia e em temas referentes à família. A maioria deles, aprecia muito os conteúdos do programa oferecido. O seminário deu oportunidade de aplicar concretamente o que se aprendeu. Assim viram na prática que é preciso engajamento para conseguirmos o fim desejado.